

PANORAMA, TENDÊNCIAS E COMPETITIVIDADE DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E DE BEBIDAS NO PARANÁ

Resumo Executivo

IPARDES
INSTITUTO PARANAENSE DE
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL



PANORAMA, TENDÊNCIAS E COMPETITIVIDADE DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E DE BEBIDAS NO PARANÁ

Resumo Executivo

IPARDES

INSTITUTO PARANAENSE DE
DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E SOCIAL

FIEP
CIEP
SESI
SENAI
IEL



**CURITIBA
1999**

SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL

Miguel Salomão - Secretário

Antoninho Caron - Diretor Geral

IPARDES

Paulo Mello Garcias - Diretor-Presidente

Vanderlei Bagio Landgraf - Diretor Administrativo-Financeiro

Sieglinde Kindl da Cunha - Diretora do Centro de Pesquisa

Arion Cesar Foerster - Diretor do Centro Estadual de Estatística

NÚCLEO DE ESTUDOS ECONÔMICOS

Gilmar Mendes Lourenço (Coordenador)

EQUIPE TÉCNICA

Daniel Nojima - economista (Coordenador)

Adilson Apolinário - estatístico

Hudson Prestes dos Santos - estatístico

Sachiko Araki Lira - estatística

COLABORAÇÃO

Gracia Maria Besen - socióloga

José Moraes Neto - economista

Maria Lúcia Urban - economista

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO

Juilson Previdi - Coordenador

Maria Cristina Ferreira - editoração

Claudia Ortiz - revisão

Ana Rita Barzick Nogueira e Léia Rachel Castellar - editoração de texto

Stella Maris Gazziero - programação visual

Lucrecia Zanineli - processamento de mapas

João Vivaldo dos Santos - reprografia

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL**DEPARTAMENTO REGIONAL DO PARANÁ****ASSESSORIA DE PLANEJAMENTO****DIRETOR REGIONAL**

Ito Vieira

DIRETOR ADJUNTO REGIONAL

João Barreto Lopes

ASSESSOR DE PLANEJAMENTO

Cecilia D'Agostin Borges

DIRETOR DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

Marco Antonio Areias Secco

ASSESSOR DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

Reinaldo Victor Tockus

DIRETOR ADMINISTRATIVO

Renato Cesar Gumy Teixeira

ASSESSOR ADMINISTRATIVO

Eloir Antonio Juski

EQUIPE TÉCNICA

Isabela Machado Ferrari

Tizuko Tamura Furukita

Fabiano de Castro Rauli

PANORAMA, TENDÊNCIAS E COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA DE ALIMENTOS E DE BEBIDAS NO PARANÁ

O presente trabalho, fruto de convênio celebrado entre o IPARDES e o SENAI-PR, investiga a atual conformação estrutural e as perspectivas da indústria alimentar paranaense, bem como suas condições competitivas, as quais foram levantadas a partir de uma pesquisa de campo realizada a partir de uma amostra de empresas das indústrias de alimentos e de bebidas, no intervalo maio-junho de 1999.

Embora possua um caráter exploratório, os resultados obtidos com este estudo representam uma primeira compreensão das novas bases de funcionamento dessa indústria, fornecendo elementos relevantes tanto para a elaboração de pesquisas posteriores quanto para o fomento à otimização de sua expansão.

PANORAMA E PERSPECTIVAS ESTRUTURAIS NOS ANOS 90

Em sua atual configuração, a indústria alimentar paranaense espelha o amadurecimento da estrutura gestada em meados dos anos 70 e início dos 80. Nesse período, seu setor agrícola passou por intensa modernização juntamente ao movimento de industrialização da matéria-prima. Carnes processadas, rações balanceadas, extração e refino de óleos vegetais passaram a dividir espaço com segmentos tradicionais (beneficiamento de cereais e torrefação de café) na composição do ramo alimentar. A implantação dessa estrutura, já desde essa época, sobrepunha-se à ampliação de segmentos com padrões e níveis distintos de sofisticação, como doces, balas e massas alimentícias, que respondiam por parcela desprezível da produção global.

Uma avaliação preliminar dos anos 90, demonstra, em princípio, a manutenção daquela estrutura industrial, com o predomínio de 28,2% de beneficiamento e moagem de grãos, 29% de carne e 6,2% de óleo refinado (exclusive

o bruto) no valor adicionado do gênero produtos alimentares em 1997, em detrimento de massas, doces, etc., com 11,7% (tabela 1). Contudo, essa indústria toma novos rumos a partir de restrições ao crescimento da produção agrícola, atreladas ao declínio dos créditos oficiais à atividade, à exaustão de fronteiras, à expansão da produção no Centro-Oeste do país e ao protecionismo exacerbado no mercado internacional.

Ao mesmo tempo, sua trajetória vincula-se à reinserção da economia brasileira no comércio mundial e ao novo horizonte do crescimento interno instaurado pela estabilização monetária em meados dos anos 90. Três fatores devem permitir um desenvolvimento mais consistente do mercado consumidor no médio e longo prazos: baixa diversificação quando comparada aos padrões internacionais; elevada elasticidade-renda da demanda por alimentos em virtude da elevada concentração de renda no país; e o ainda grande potencial de crescimento da demanda por alimentos *in natura* e da oferta por meio da expansão da fronteira agrícola e da elevação da produtividade.

Esta é a base do recente processo de transformação produtiva do ramo, liderado por grandes empresas nacionais e multinacionais e seguido por amplo leque de empresas de pequeno e médio porte. Dos investimentos estrangeiros em fusões e aquisições entre 1994 e 1996 nos ramos de bebidas e alimentos, 23,3% se concentram em laticínios, 16,6% em doces, balas, biscoitos e chocolates, 13,3% em massas e pães e 16,7% em bebidas. Em paralelo, há maior direcionamento à diversificação das linhas de produtos, à reorganização das estruturas e/ou unidades de produção e à distribuição e canais de comercialização. Apenas alguns casos prevêm expansão da capacidade instalada e incidem essencialmente na Região Sudeste.¹

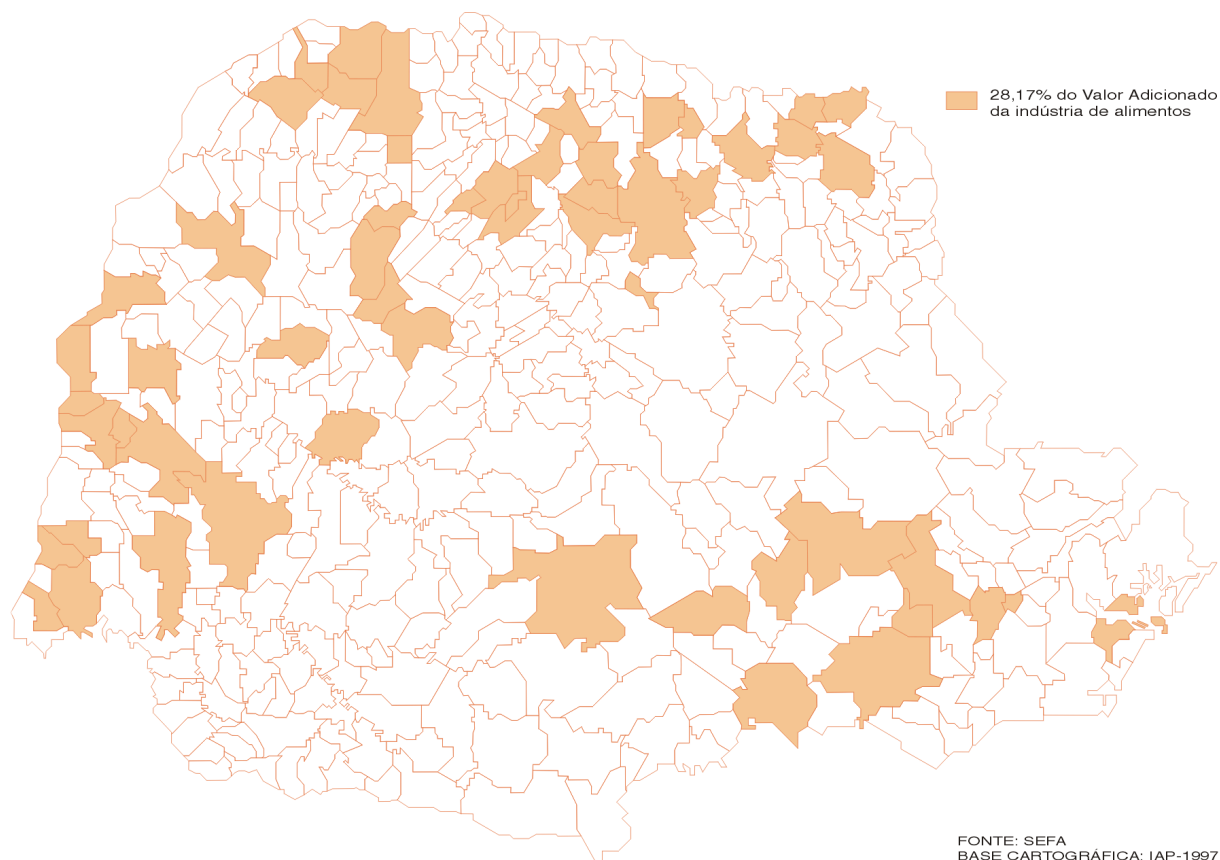
¹ Ver **RODRIGUES**, Rute Imanishi. **Empresas estrangeiras e fusões e aquisições**: os casos dos ramos de autopeças e de alimentação/bebidas em meados dos anos 90. Brasília : IPEA, 1999. (Texto para Discussão, 622)

TABELA 1 - COMPOSIÇÃO PERCENTUAL DO VALOR ADICIONADO NA INDÚSTRIA DE ALIMENTOS, SEGUNDO RAMO DE ATIVIDADE - PARANÁ - 1990/1994/1997

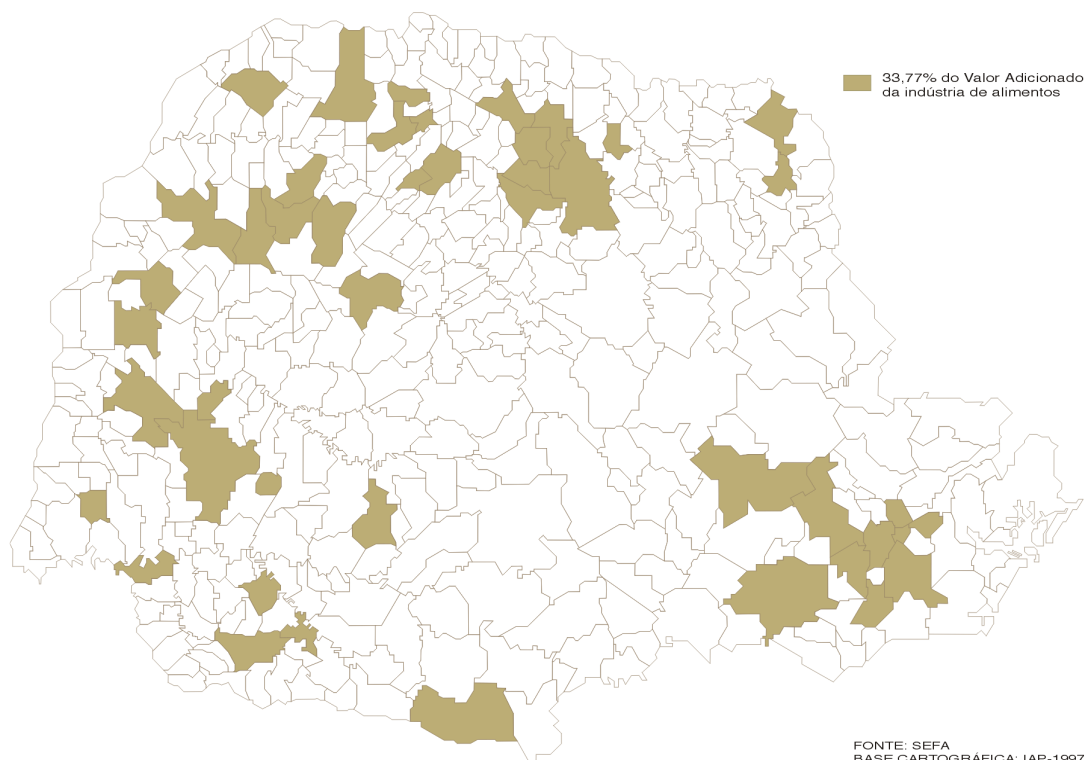
SEGMENTOS	ANOS (%)		
	1990	1994	1997
Beneficiamento de Cereais, Moagem de Trigo, Derivados da Mandioca	27,24	30,68	28,17
Beneficiamento de Cereais	12,39	11,44	6,97
Moagem de Trigo	3,15	7,37	7,79
Fabricação de amidos, fubá e farinhas de milho	5,26	5,38	4,72
Fabricação de produtos da mandioca	1,19	2,25	2,98
Fabricação de farinhas diversas e seus derivados	-	0,23	-
Beneficiamento, moagem e torrefação (produtos não-especificados)	0,27	0,16	1,92
Torrefação e moagem de café	2,01	3,02	2,11
Fabricação de café e mate solúveis	2,97	0,83	1,67
Óleos e Gorduras Vegetais	15,32	12,24	6,40
Refino de óleos vegetais para a alimentação	15,32	12,24	6,18
Manteiga de cacau	-	-	0,22
Carnes e Rações	29,56	35,84	33,77
Abate de animais, preparação de conservas de carne	27,86	30,88	28,94
Preparação do pescado	-	-	0,08
Fabricação de rações balanceadas e alimentos prep. para animais	1,7	4,96	4,75
Laticínios	4,24	6,01	9,69
Resfriam. e prep. do leite	4,24	6,01	9,69
Massas, Biscoitos, Doces, Sorvetes	4,42	5,41	11,7
Fabricação de balas, caramelos, pastilhas, dropes, bombons	-	0,99	1,65
Outros doces	0,48		
Fabricação de produtos de padaria, confeitaria e pastelaria	1,09	2,16	1,03
Fabricação de massas alimentícias e biscoitos	0,97	2,10	3,59
Outras massas alimentícias	1,81		
Sorvetes, bolos e tortas geladas	-	-	0,72
Fabricação de doces em massa ou em pasta	0,07	0,16	0,52
Produtos alimentares não classificados	-	-	4,19
Sal, Açúcar, Vinagre	19,22	9,82	10,28
Açúcar de cana	10,08	7,03	6,45
Preparação do sal de cozinha	0,43	0,67	0,74
Fabricação de vinagre	-	0,05	-
Preparação de refeições conservadas, congeladas ou não	8,54	1,73	2,81
Produção de conservas de frutas, legumes e outros vegetais	0,17	0,34	0,28
TOTAL	100,00	100,00	100,00

FONTE: SEFA

Nesse contexto, a indústria alimentar paranaense vem buscando novos espaços no mercado, propiciados pela estabilização monetária e pelo crescimento do Mercosul, via expansão e diversificação em amidos, óleos vegetais, carnes e laticínios. Incorpora ainda um avanço gradual em massas, biscoitos, doces e sorvetes e assiste à reconfiguração do segmento de bebidas.

MAPA 1**DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS RAMOS DE BENEFICIAMENTO DE CEREAIS,
MOAGEM DE TRIGO E DERIVADOS DE MANDIOCA - PARANÁ - 1997**

De início, é destacável a consolidação do Paraná como grande produtor de carnes, atestado pelo estupendo avanço de 87,1% do abate de aves e 66,87% do abate de suínos entre 1990 e 1997. Em particular, o crescimento do segmento avícola vincula-se às exportações que, em espaço de tempo relativamente curto, conquistou mercados importantes, com a expressiva elevação das exportações de carne de frango (de US\$ 75 milhões em 1990 para US\$ 217,5 milhões em 1998), destinadas principalmente à Europa, Ásia e Oriente Médio. A contrapartida nos anos recentes é o acirramento da concorrência e a eliminação da pequena produção, com a proliferação de grandes unidades frigoríficas em várias regiões do Estado como a Coopervale em Palotina, a Da Granja em União da Vitória, a Big Frango em Rolândia, a Comaves em Londrina e a Sadia em Toledo e Francisco Beltrão.

MAPA 2**DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS RAMOS DE CARNES E RAÇÕES - PARANÁ - 1997**

A produção de carne suína tem, de certo modo, acompanhado a expansão do frango, já que tem sido comum a implantação de unidades integradas de abate e processamento de frangos e suínos. Na realidade, o expressivo crescimento de 66,87% de 1990 a 1997 vincula-se muito menos ao consumo da carne em si do que à expressiva expansão do mercado de derivados como apresuntados, embutidos e tipos especiais como hambúrguer. Tal fato se deve essencialmente ao consumo interno restrito, à tendência estável do consumo *per capita* nos próximos anos e às condições desfavoráveis de penetração no mercado externo.

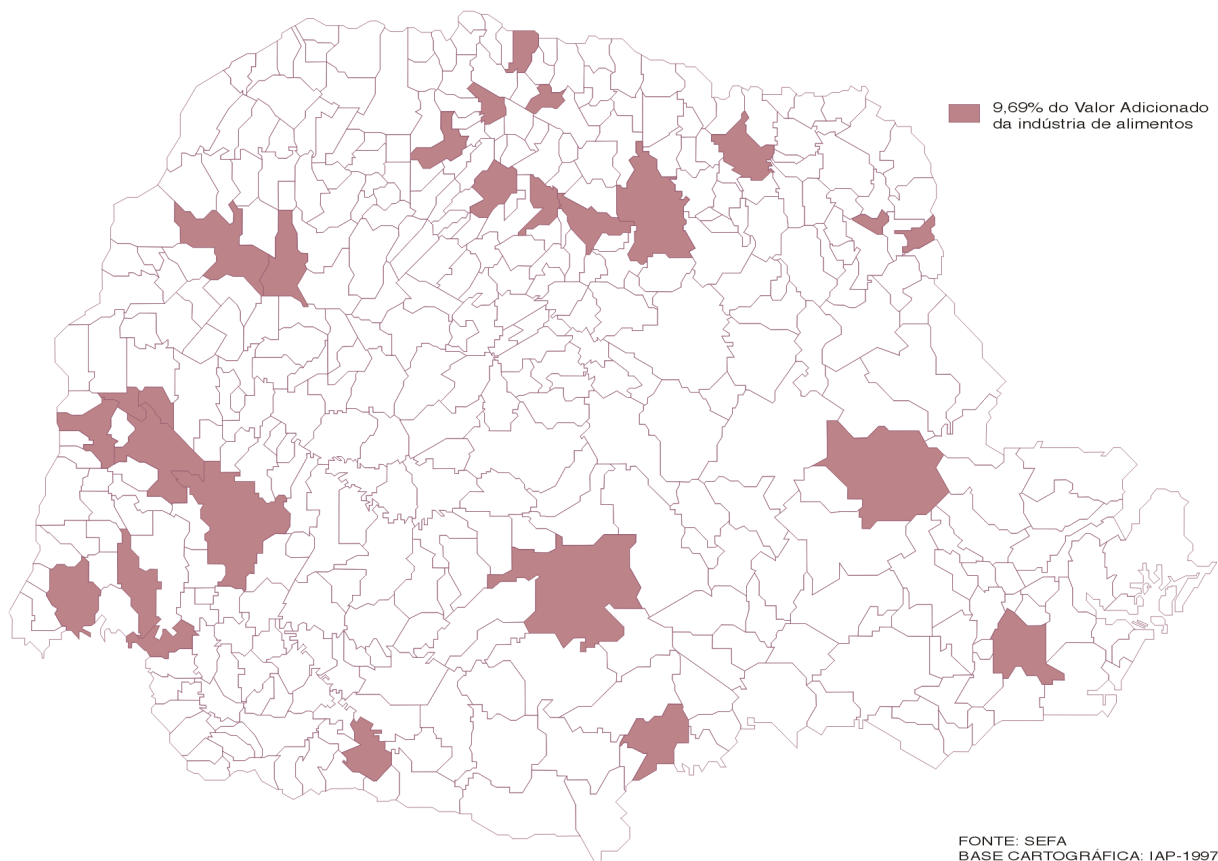
O segmento de bovinos não compartilha do mesmo desempenho favorável, tendo registrado modesto crescimento de 13,13% do rebanho e declínio de 11,33% do abate entre 1990 e 1997. A fraca *performance* vincula-se a dificuldades diversas como a concorrência com substitutos protéicos de origem animal – como a própria carne de frango – e a concorrência predatória do abate clandestino; mas resulta também da utilização de técnicas atrasadas no trato do rebanho e da perda de espaço no mercado para a produção de outras regiões do país.

De modo geral, as deficiências competitivas encontradas não são privilégio do segmento no Estado mas sim amplamente verificadas em todo o país. De um lado, o Paraná ainda é considerado um Estado com médio risco de contaminação do rebanho pela febre aftosa e apresenta um movimento lento de renovação e/ou implantação de abatedouros e de produção de derivados, baseado em iniciativas pontuais por parte das cooperativas e outras empresas privadas, como Coopavel, Sudcoop e Frima. Mesmo tornando-se área livre daquela doença, em 2000 não deve haver no médio prazo alavancagem da produção e exportação devido à atuação de poucos frigoríficos e à descapitalização do segmento.

De outro lado, estados como Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul e São Paulo já contam com amplos programas de erradicação da doença, apresentam programas de "novilho precoce", viabilizam esforços conjugados das iniciativas pública e privada de maior estreitamento de relações entre os agentes da cadeia e implementam programas de promoção de qualidade e diferenciação da carne.

Portanto, há um movimento de profissionalização da pecuária e industrialização bovina em outros estados, habilitando-os, inclusive, a participar competitivamente no mercado internacional, enquanto a atuação menos intensiva do segmento paranaense deve conferir-lhe uma participação mais tímida no mercado.

As taxas de 63,14% de crescimento da produção de leite e de cerca de 28% da produtividade do rebanho entre 1989 e 1997 são dados incontestáveis do desenvolvimento do segmento de laticínios no Paraná, cuja produção estimada de 1,85 bilhões de litros em 1998 o coloca entre os principais estados produtores, junto com Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul. Entretanto, nos últimos anos, a concorrência de similares importados da Argentina, Holanda e Estados Unidos, e o acirramento da concorrência interna, têm progressivamente comprimido suas margens de lucro.

MAPA 3**DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DO RAMO DE LATICÍNIOS - PARANÁ - 1997**

No primeiro caso, a progressiva elevação das importações paranaenses de leite e derivados (US\$ 7,5 milhões em 1990 e US\$ 26 milhões em 1998), ressalta, entre outras deficiências, o grande diferencial de produtividade na etapa de ordenha do rebanho estadual (1.418 litros/vaca/ano) em relação aos padrões internacionais (entre 5 e 8 mil litros/vaca/ano). No segundo, o acesso e a operação de processos tecnologicamente diferenciados, a legislação inadequada quanto às exigências de qualidade e a ineficiência de fiscalização das condições técnico-sanitárias da cadeia produtiva permitem ampla heterogeneidade do porte empresarial e grande diversidade da produção de leites fluidos de qualidade superior e inferior no mercado brasileiro.

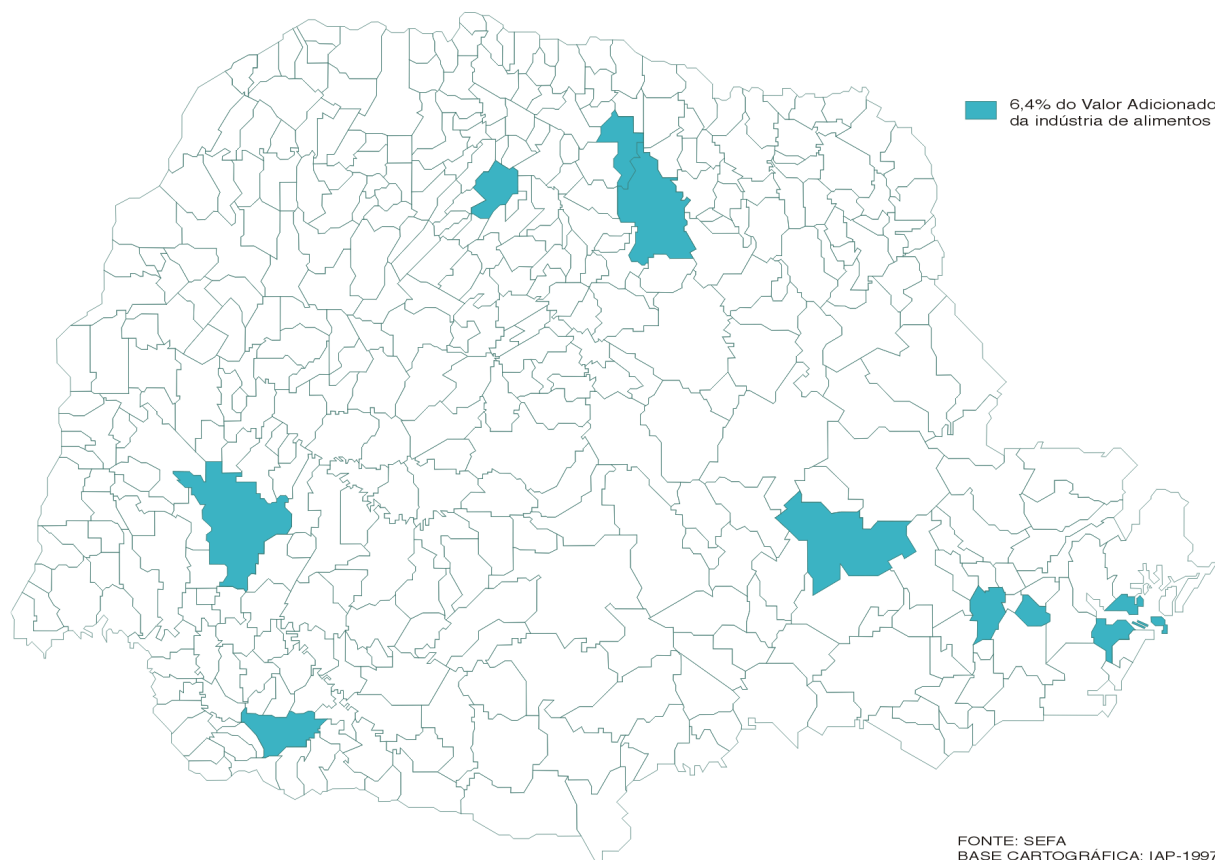
Contudo, no médio e longo prazos, o crescimento da comercialização do longa vida, dos pasteurizados A e B e o declínio do tipo C parecem apontar um

inevitável predomínio do longa vida e a eliminação da pequena produção em benefício daquela em grande escala.

Esta vem sendo uma tendência inexorável no Paraná. Com investimentos conduzidos principalmente pelas cooperativas, as unidades instaladas nos últimos anos reforçam um padrão de competitividade baseado em elevada escala de produção e baixo custo unitário. Há, além disso, a busca pela otimização dessas escalas via parcerias, como a união entre Clac e Witmarsum, constituindo a Centralpar, e a integração entre Cativa, Colmar, Colari, Coplac e Centralnorte formando a Confepar. Desse modo, essa reestruturação, ao reduzir custos primários, potencializa estratégias de crescimento e inovação através da exploração de nichos locais de mercado, como as da Coopavel, na produção de iogurtes, e da Centralpar em produtos refrigerados.

O complexo soja foi o ícone maior da transformação agroindustrial do Paraná nos anos 70 e constitui ainda hoje uma das cadeias agroindustriais mais representativas do Estado. Dotado do maior volume produzido do grão no país, o complexo paranaense compõe-se principalmente da produção do farelo de soja e do óleo bruto e refinado e responde por quase metade do volume global da pauta estadual de exportações. Além disso, o Paraná detém, entre os principais estados produtores, a maior capacidade de esmagamento de soja do país, com cerca de 30%; e, juntamente com São Paulo e Rio Grande do Sul, 66% da capacidade de refino.

O momento atual do segmento é relativamente delicado, em virtude de condicionantes como: acúmulo de capacidade ociosa no conjunto das unidades de processamento, em âmbito nacional; desvio da fronteira agrícola da soja do Sul para o Centro-Oeste, induzindo aí a implantação de esmagadoras; e advento de corredores alternativos de transporte e distribuição sob as modalidades hidroviária e ferroviária ao Norte e Nordeste, propiciando custos significativamente inferiores às tradicionais vias de escoamento no Sul-Sudeste.

MAPA 4**DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS RAMOS DE ÓLEOS E GORDURAS VEGETAIS - PARANÁ - 1997**

Por essas razões, o parque esmagador do Estado vem apresentando nos últimos anos níveis consideráveis de capacidade ociosa. Nesse contexto, por um lado, justificam-se as parcerias entre as cooperativas, visando ao melhor aproveitamento de suas capacidades instaladas – a exemplo do repasse dos excedentes de soja da Coamo para as unidades de esmagamento da Cocamar –, por outro, explica-se a reestruturação patrimonial no segmento, observada na compra de uma unidade da Coopersul em Ponta Grossa pela Olvepar, possibilitando forte alavancagem de escala de 700 para 4 mil toneladas/dia. Complementam essa dinâmica iniciativas de diversificação, traduzidas nos lançamentos dos óleos de canola e girassol pela Cocamar e na introdução de gorduras vegetais e margarinas pela Coamo.

A fruticultura paranaense representa apenas 2% da produção nacional e sustenta-se principalmente na produção de tangerina e laranja, enquanto o Estado de

São Paulo domina algo em torno de 50% da produção do país, particularmente concentrada na laranja.

Não obstante, a erradicação do cancro cítrico no Paraná e a instalação da Cocamar Citrus em Paranavaí, noroeste do Estado, propiciaram a expansão mais vigorosa e consistente da fruticultura no decorrer da presente década. Do início das operações até o momento, o beneficiamento da Paraná Citrus saltou de 35 para cerca de 200 mil toneladas de laranja. Além disso, das 13 mil toneladas de suco concentrado, 90% devem ser exportadas a países da Europa.

Tal desempenho deve-se à boa qualidade do fruto, garantida pelo desenvolvimento tecnológico e por condições agroclimáticas favoráveis. Em conseqüência, complementa ou mesmo favorece outras oportunidades em todo o ramo frutícola como aquelas refletidas na intenção de construção de outras unidades de cítricos (a exemplo do projeto da fábrica de suco de laranja da Corol em Rolândia) e na ampliação da capacidade produtiva de polpas pela Infrupar, no município de Marilena, dedicada à extração de polpas de frutas variadas destinadas a fabricantes de iogurtes, sucos e outros gêneros alimentícios.

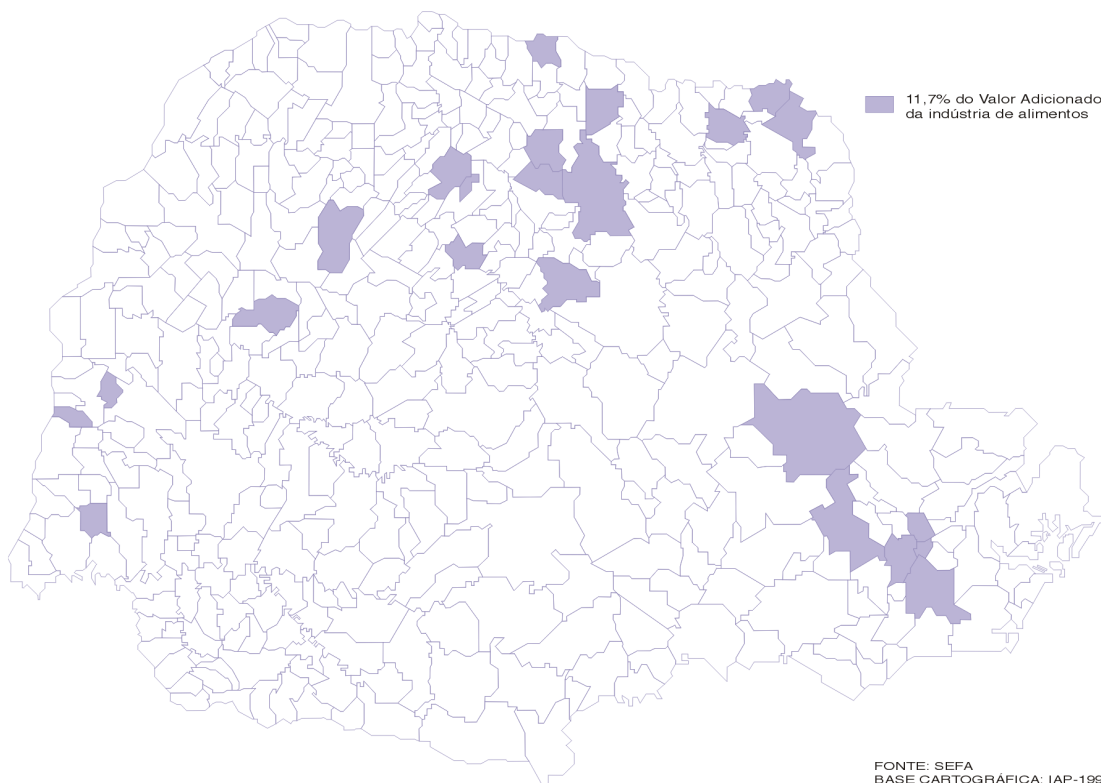
Diversamente ao dinamismo registrado em todo o complexo agroindustrial, verifica-se um processo de expansão gradativo, porém mais consistente ao fim dos anos 90, dos segmentos mais sofisticados de massas alimentícias, biscoitos, doces e conservas, introdução de novos produtos nas áreas de dietéticos, massas alimentícias e sorvetes, e reestruturação da base produtiva do ramo de bebidas.

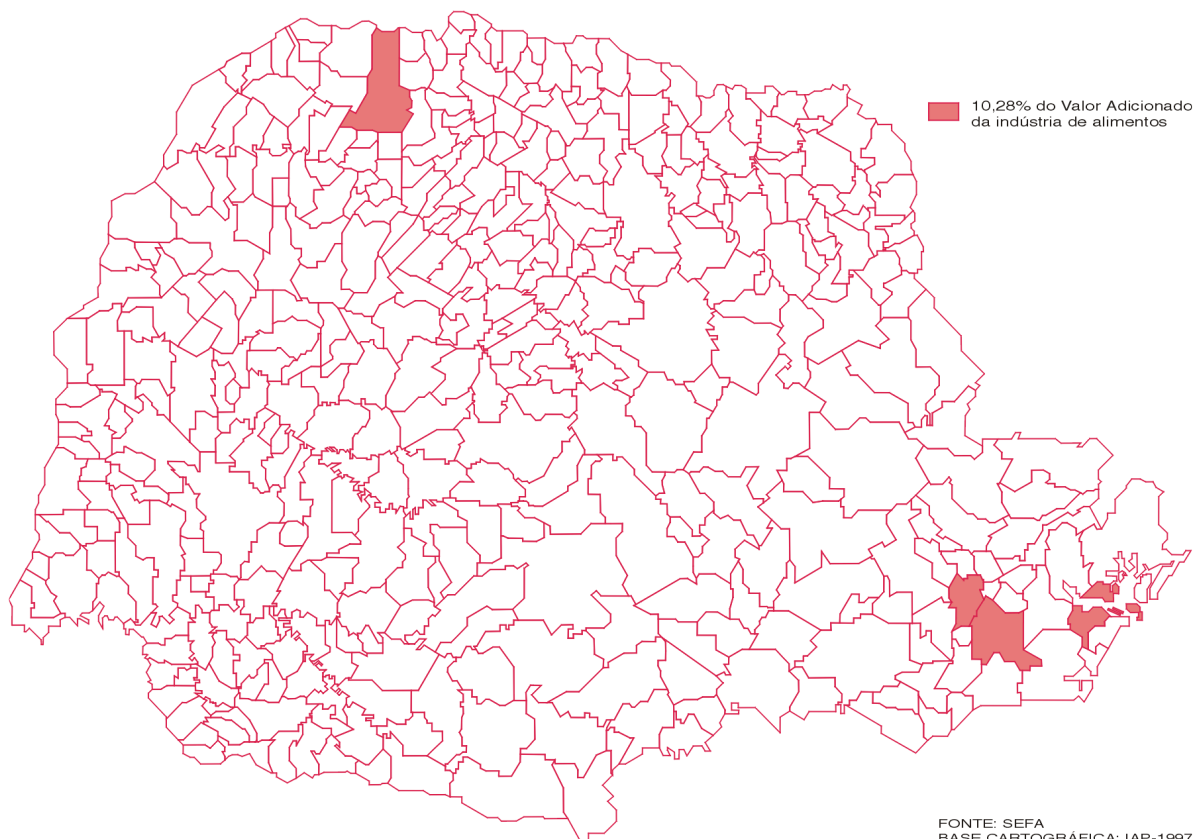
O dinamismo dos segmentos de massas, biscoitos e doces deve-se muito mais à atuação de empresas já instaladas no Estado do que à implantação de novas unidades produtivas, a exemplo de recentes investimentos em ampliação do parque produtivo e diversificação das linhas de macarrão da Todeschini, da modernização da Selmi em Londrina e do lançamento de produtos dietéticos e complementos alimentares da Nutrilatina.

Não obstante, a vinda da Lacta de São Paulo para a CIC representa, além de um importante avanço à indústria alimentar do Estado, a minimização de alguns fatores adversos para o seu desenvolvimento prospectivo. De fato, a nova unidade significará expressiva diferenciação na pauta de produtos, patamares mais elevados de agregação de valor e maior integração com os mercados nacional e internacional, por ser a Lacta uma marca já consolidada internamente e possuir poder de penetração no comércio exterior.

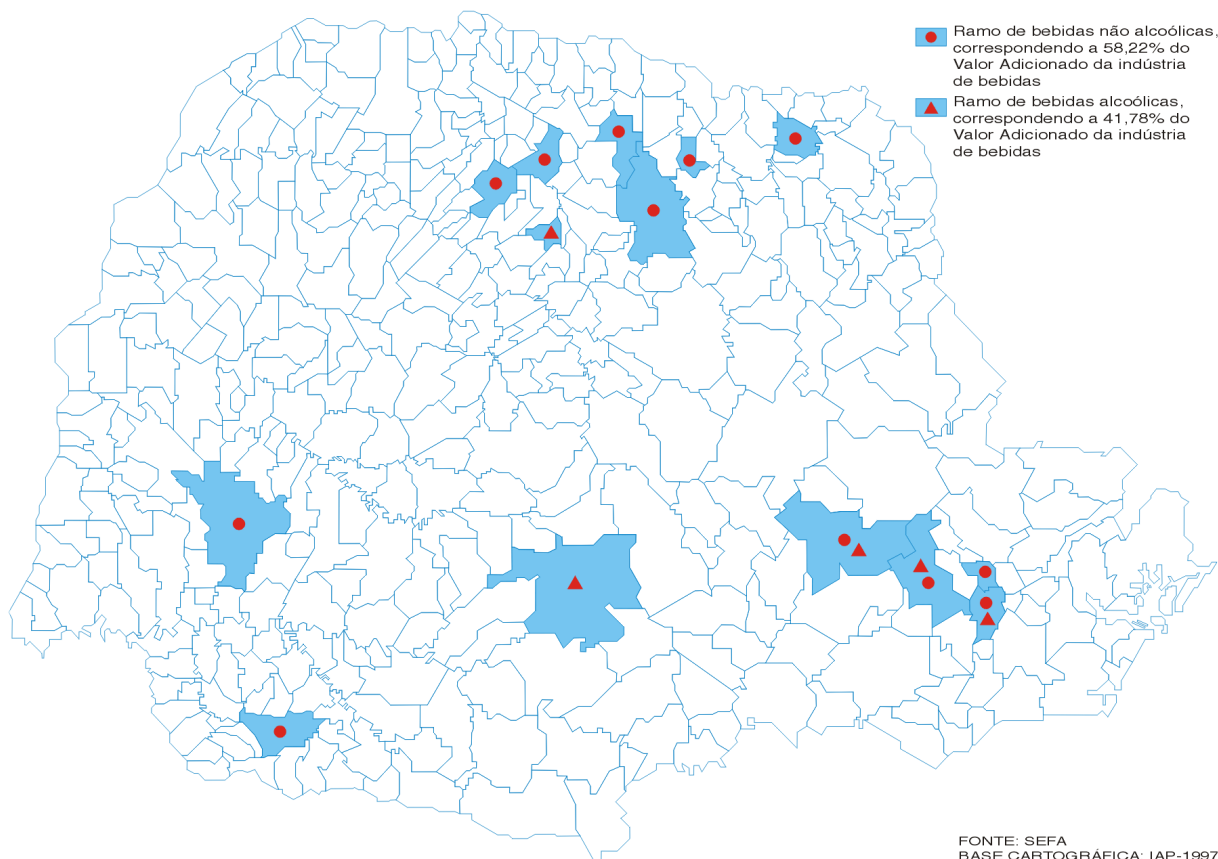
MAPA 5

DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS RAMOS DE MASSAS, BISCOITOS, DOCES E SORVETES - PARANÁ - 1997



MAPA 6**DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS RAMOS DE SAL, AÇÚCAR, VINAGRE, REFEIÇÕES CONSERVADAS E CONSERVAS - 1997**

Por seu turno, cervejas e refrigerantes determinam o desempenho do ramo de bebidas no Paraná, seguidos de longe pela produção de malte cervejeiro. Entretanto, durante a década observou-se o delineamento de três tendências distintas: a elevação da participação da produção de refrigerantes; a concentração da produção – preponderantemente em refrigerantes e aguardentes – em menor número de unidades produtivas; e a retomada da produção de água mineral envasada em detrimento de outros segmentos como o de malte – em visível declínio de participação desde o início da década.

MAPA 7**DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA INDÚSTRIA DE BEBIDAS - PARANÁ - 1997**

O provável rumo desses segmentos nos próximos anos atrela-se a condicionantes diversos como: diversidade do porte empresarial, proximidade a centros consumidores e/ou fontes de matéria-prima e segmentação de mercados; baixa representatividade no Paraná e concentração das empresas líderes em âmbito nacional nas regiões Sudeste e Nordeste; caráter da recente reestruturação do ramo alimentar; e crescimento de novos mercados regionais de consumo.

Da reestruturação depende-se o desenvolvimento e a concentração em segmentos de produtos mais sofisticados (massas, biscoitos, laticínios e chocolates), por conta da atuação de grandes grupos, cujas estratégias fixam-se na ampliação do mercado interno, via segmentação do mercado. Além disso, a reestruturação se dá (com o perfil com que se apresenta até o momento) muito mais na qualidade da capacidade produtiva e no patrimônio existente que mediante a implantação de novas unidades.

Nesse contexto, a pouca representatividade daqueles segmentos na indústria alimentar paranaense (como também na brasileira) tem colocado essa indústria à margem da reestruturação e ampliação da capacidade produtiva em nível nacional, com raras exceções por conta da diversificação da Sadia e do ramo de laticínios, em relação ao qual se assistiu à aquisição da CCLP (da marca Batavo) pela Parmalat.

Em princípio, a reestruturação patrimonial no país parece acentuar as diferenças estruturais e competitivas entre o setor sofisticado da indústria alimentar do Paraná e o de outras unidades federativas como São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais, em favor das últimas – já que aí se localizam empresas líderes, como Garoto e Nestlé, e grandes unidades de massas e biscoitos.

O contraponto dessa configuração se faz no surgimento de pólos regionais de consumo no mercado brasileiro. Pautado pelo aporte de investimentos externos, guerra fiscal, surgimento de áreas dotadas de infra-estrutura de transporte, baixo custo de mão-de-obra e posição privilegiada com respeito a novos mercados (Mercosul, basicamente), o recente ciclo de investimentos motivou, conforme recente pesquisa da Target, o crescimento entre 1997 e 1999 do potencial de consumo de 10% e 6,6% nas regiões Sul e Nordeste, respectivamente, e o declínio paralelo de 4,7% na Região Sudeste (ainda que a mesma detenha o maior potencial, 53,58% do total brasileiro).² Nesse contexto, novos investimentos são estimulados em bebidas, massas, biscoitos, doces e laticínios, os quais, embora dominados por fábricas de grande porte com capacidade de atender a grandes áreas do mercado nacional, permitem a atuação regionalizada de unidades de pequeno e médio porte, em que os reduzidos gastos em transporte constituem uma de suas principais vantagens competitivas.

Em grande medida, esses fatores, somados à disponibilidade de matéria-prima, vêm justificando a ampliação e construção de plantas nos estados das regiões Norte e Nordeste. São os casos de inversões de R\$ 60 milhões do Moinho Dias Branco no Porto de Natal e em Fortaleza (Ceará), e dos R\$ 400 milhões da Perdigão no

² **COELHO**, Edilson. Consumo nordestino ganha US\$ 12 bi em 3 anos. **Estado de São Paulo**, Caderno Economia, 18 jul 1998, p. B1.

Projeto Buriti em Rio Verde, Goiás, em uma unidade de massas alimentícias e abate de animais.

Em processo semelhante, o Paraná recebe, por um lado, impactos derivados da presença de grandes grupos privados, como aquele propiciado pela estratégia de diversificação da Sadia em Ponta Grossa, que, desde de meados de 1998, passou a atuar no ramo de massas alimentícias. Por outro, é favorecido pela pulverização regional de investimentos em unidades de médio porte, exemplificadas pela instalação de uma fábrica de biscoitos do grupo J.R. Marino em Londrina, pelos planos de investimento da Zadimel em uma unidade de massas e pela concessão de uma franquia a uma unidade de bebidas por parte da Frevo, indústria nordestina de bebidas.

Ressalte-se que a transferência da Lacta de São Paulo para o Paraná, em dinâmica distinta, obedece à mescla de condicionantes técnico-locacionais, definindo uma típica desconcentração industrial, com esforços do governo estadual e da Phillip Morris (detentora da Lacta) dirigidos ao reaproveitamento do espaço tornado ocioso pelo fechamento da unidade de fumos no início de 1999.

COMPETITIVIDADE DAS EMPRESAS

Apesar da conformação de restrições nos anos 90, o segmento agroindustrial vem mostrando capacidade de reação e de estruturação sob novos moldes de expansão, enquanto as indústrias de bens mais sofisticados se deparam com determinadas condições impondo-lhes um ritmo mais gradual de desenvolvimento.

Por seu turno, os resultados obtidos pela pesquisa de campo mostram heterogeneidade dos condicionantes de competitividade da indústria de alimentos e de bebidas do Paraná. Assim, apesar de essa indústria – destacadamente em sua vertente agroindustrial – confirmar uma trajetória de consolidação no espaço nacional, uma avaliação de suas áreas de **recursos humanos, gestão, produção e inovação** indica a coexistência de potencialidades e restrições à ampliação de sua inserção competitiva nos mercados regional, nacional e internacional. É importante apontar que, tanto

restrições como aspectos favoráveis, dadas as características do plano amostral, em geral referem-se muito mais às micro, pequenas e médias empresas do que às grandes dessa indústria.

Assim, a pesquisa demonstrou a permanência de barreiras em áreas diversas das empresas, notadamente na qualificação inadequada ou ao menos desatualizada de seus níveis mais altos de administração (tabela 2). Em 34,3% delas, os dirigentes têm no máximo o segundo grau completo, enquanto que, em 54,59% das que mantêm dirigentes com superior completo, apenas 17,39% e 1,45% têm, respectivamente, especialização e mestrado e/ou doutorado.

TABELA 2 - NÚMERO DE DIRIGENTES DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E DE BEBIDAS, SEGUNDO O GRAU DE ESCOLARIDADE - PARANÁ - 1999

GRAU DE ESCOLARIDADE	DIRIGENTES	
	Número	%
1º grau incompleto	8	3,86
1º grau completo	9	4,35
2º grau incompleto	6	2,90
2º grau completo	48	23,19
Superior incompleto	22	10,63
Superior completo	113	54,59
Especialização (360 horas e mais)	36	17,39
Mestrado/Doutorado	3	1,45

FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES

Uma conseqüência dessa inadequação é o grau insatisfatório de qualificação do quadro de funcionários – principalmente daqueles locados na produção – influenciado, em grande medida, pelo grau de formação do dirigente. Nas empresas cujos dirigentes possuem até o 2º grau completo (tabela 3), o quadro de funcionários tende a se caracterizar pela concentração no 1º e 2º graus, completos ou incompletos, determinados basicamente pelos funcionários locados na produção. Já, naquelas em que os dirigentes possuem no mínimo o nível superior incompleto (tabela 4), há uma relevante mudança no perfil, no qual o pessoal com 1º grau incompleto perde espaço para aquele com 2º grau (completo, principalmente).

TABELA 3 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO CORPO DE FUNCIONÁRIOS DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E DE BEBIDAS CUJOS DIRIGENTES TÊM ATÉ 2º GRAU, SEGUNDO GRAU DE ESCOLARIDADE E FUNÇÃO - PARANÁ - 1999

FUNÇÃO	GRAU DE ESCOLARIDADE (%)								TOTAL
	1º Grau Inc.	1º Grau Comp.	2º Grau Incomp.	2º Grau Comp.	2º Grau Téc. Inc.	2º Grau Téc. Comp.	Superior Incomp.	Superior Completo	
Gerentes/Supervisores	7,3	13,3	4,7	40,7	4,7	4,0	8,7	16,7	100,0
Técnicos	0,8	17,6	8,4	28,6	0,0	17,6	0,0	26,9	100,0
Produção	50,6	34,5	7,3	7,2	0,2	0,0	0,1	0,2	100,0
Manutenção Industrial	14,2	45,8	20,8	10,0	1,7	7,5	0,0	0,0	100,0
Serviços Gerais	27,7	31,8	13,9	12,9	3,0	3,4	1,3	6,1	100,0
TOTAL	40,2	32,6	9,1	11,1	1,0	1,9	0,8	3,3	100,0

FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES

TABELA 4 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO CORPO DE FUNCIONÁRIOS DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E DE BEBIDAS CUJOS DIRIGENTES TÊM NO MÍNIMO O SUPERIOR INCOMPLETO, SEGUNDO GRAU DE ESCOLARIDADE E FUNÇÃO - PARANÁ - 1999

FUNÇÃO	GRAU DE ESCOLARIDADE (%)								TOTAL
	1º Grau Inc.	1º Grau Comp.	2º Grau Incomp.	2º Grau Comp.	2º Grau Téc. Inc.	2º Grau Téc. Comp.	Superior Incomp.	Superior Completo	
Gerentes/Supervisores	0,2	2,3	3,1	18,2	0,8	14,3	8,3	52,9	100,0
Técnicos	0,2	7,2	1,8	8,7	2,5	58,8	5,4	15,5	100,0
Produção	32,1	37,9	10,0	14,6	2,1	2,3	0,7	0,4	100,0
Manutenção Industrial	9,3	21,8	12,3	24,7	2,0	27,8	1,1	0,9	100,0
Serviços Gerais	19,1	25,8	8,6	23,7	7,5	8,4	4,1	2,8	100,0
TOTAL	25,5	31,7	8,8	15,2	2,5	10,5	1,7	4,1	100,0

FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES

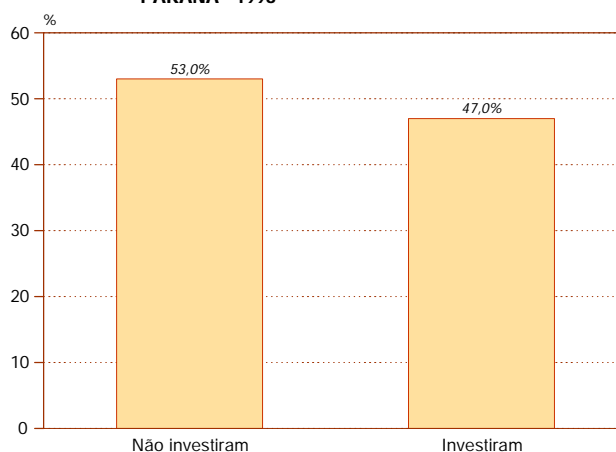
A pesquisa evidenciou também os baixos níveis de educação formal de empregados no ramo, com 67,5% possuindo no máximo o 2º grau incompleto (tabela 5). Além disso, se tomado por base o ano de 1998, na maior parte dos casos, os funcionários não recebem ou pouco recebem investimentos em treinamento. Nesse ano, 53% das empresas investiram na qualificação da mão-de-obra (gráfico 1). Entretanto, 83% o fizeram com o equivalente a menos de 1% de seu faturamento (gráfico 2).

TABELA 5 - DISTRIBUIÇÃO DO QUADRO DE FUNCIONÁRIOS DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E DE BEBIDAS, SEGUNDO GRAU DE ESCOLARIDADE E CARGO - PARANÁ - 1999

CARGO	GRAU DE ESCOLARIDADE								Total
	1º Grau Incomp.	1º Grau Comp.	2º Grau Incomp.	2º Grau Comp.	2º Grau Técnico Incomp.	2º Grau Técnico Comp.	Superior Incomp.	Superior Comp.	
Gerentes/supervisores	1,1	3,7	3,3	21,0	1,2	13,0	8,3	48,4	100,0
Técnicos	0,2	7,6	2,0	9,4	2,4	57,3	5,2	15,9	100,0
Pessoal da Produção	33,5	37,6	9,7	14,0	1,9	2,2	0,6	0,4	100,0
Manutenção Industrial	9,7	23,8	13,0	23,5	2,0	26,1	1,0	0,9	100,0
Serviços Gerais	20,9	27,1	9,7	21,4	6,6	7,4	3,5	3,5	100,0
TOTAL	26,8	31,8	8,9	14,9	2,3	9,7	1,6	4,0	100,0

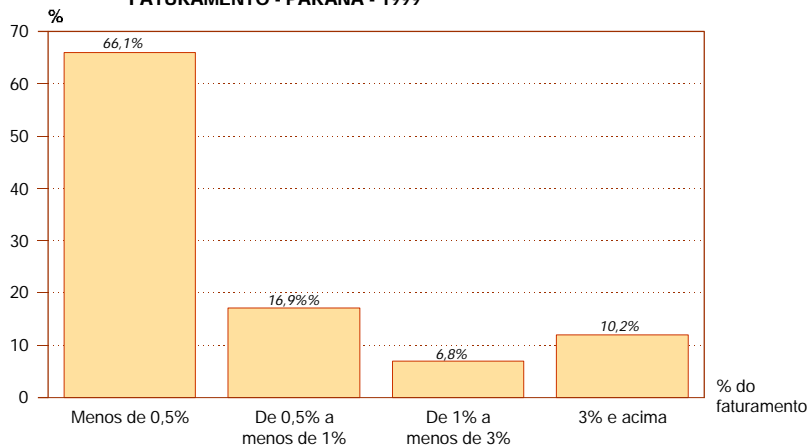
FONTES: Pesquisa de Campo - IPARDES

GRÁFICO 1 - DISTRIBUIÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E DE BEBIDAS, SEGUNDO INVESTIMENTOS EM MÃO-DE-OBRA - PARANÁ - 1998



FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES

GRÁFICO 2 - DISTRIBUIÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E DE BEBIDAS, SEGUNDO INVESTIMENTOS EM MÃO-DE-OBRA EM RELAÇÃO AO FATURAMENTO - PARANÁ - 1999

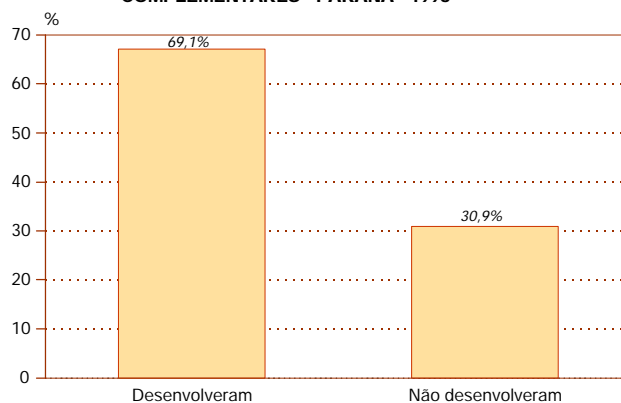


FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES

NOTA: A soma da distribuição não totaliza 100% devido à exclusão de indústrias que não declararam a informação.

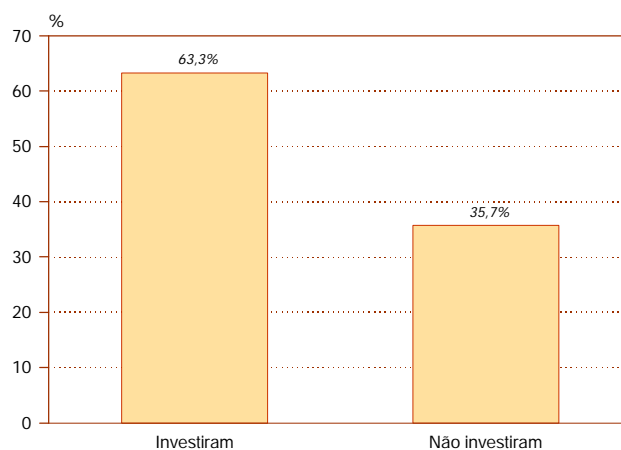
Ao mesmo tempo, predominam condições desfavoráveis nas áreas de produção e inovação. Na primeira, chama a atenção a reduzida difusão de laboratórios de análise qualitativa (com mais de 50% sem qualquer tipo de laboratório) e o baixo volume de investimentos em 1998 na implantação de novos e/ou na expansão de antigos laboratórios na indústria como um todo e no interior de seus ramos de atividade. Ainda assim, cerca de 70% das empresas promoveram algum tipo de melhoria técnica em suas linhas de produção, traduzindo-se principalmente na renovação do parque de equipamentos (gráfico 3). Contudo, tratou-se de uma atualização tecnológica excessivamente gradual em função do predomínio de inversões em equipamentos de valores proporcionalmente baixos em relação ao faturamento – das 63,3% que investiram em equipamentos em 1998 (gráfico 4), 50,6% aplicaram o relativo a menos de 5% de seu faturamento (gráfico 5).

GRÁFICO 3 - INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E DE BEBIDAS QUE DESENVOLVERAM OU INCORPORARAM INOVAÇÕES OU MELHORIAS NO PROCESSO DE PRODUÇÃO E/OU EM ATIVIDADES COMPLEMENTARES - PARANÁ - 1998



FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES

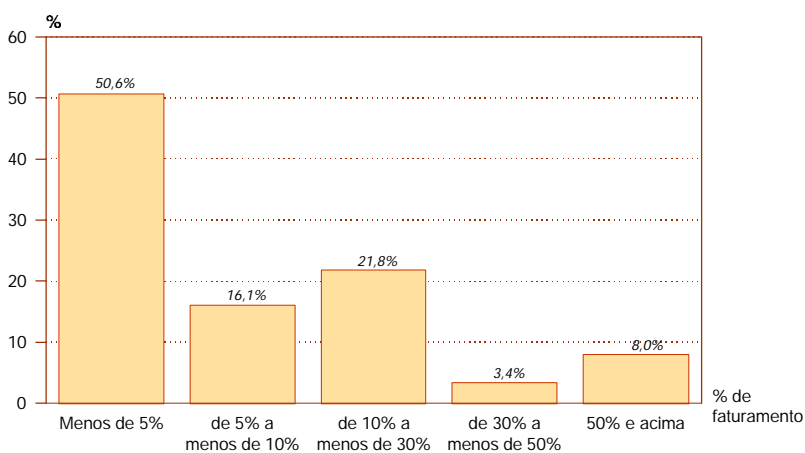
GRÁFICO 4 - DISTRIBUIÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E DE BEBIDAS DO PARANÁ, SEGUNDO INVESTIMENTOS EM EQUIPAMENTOS - 1998



FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES

NOTA: A soma da distribuição não totaliza 100% devido à exclusão de indústrias que não declararam a informação.

GRÁFICO 5 - DISTRIBUIÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E DE BEBIDAS, SEGUNDO INVESTIMENTOS EM RELAÇÃO AO FATURAMENTO - PARANÁ - 1998



FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES

Na área de inovação, revela-se o reduzido acúmulo de capacitação e um tipo de cultura empresarial pouco voltada à Pesquisa & Desenvolvimento, tendo em vista que apenas 11,1% das empresas mantêm laboratórios com esse fim (tabela 6). Ainda que seja justificável a hipótese de que empresas de pequeno e médio porte (como é o caso da maior parte das integrantes do segmento alimentar estadual) não dispõem de recursos suficientes para a manutenção de estruturas laboratoriais voltadas a esse tipo de atividade, o fato de as mesmas não recorrerem a instituições que desenvolvam pesquisas na área de alimentos revela sua fragilidade nessa área. Ou seja, mesmo sob esse ponto de vista, os baixos índices de procura por P & D (3,9% via terceirização) confirmam o reduzido interesse em atingir maiores níveis de competitividade mediante o fortalecimento da capacidade inovadora (tabela 7).

TABELA 6 - NÚMERO DE INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E DE BEBIDAS QUANTO À MANUTENÇÃO DE LABORATÓRIOS DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO - PARANÁ - 1999

MANTÉM LABORATÓRIO	INDÚSTRIAS	
	Número	%
Não	184	88,9
Sim	23	11,1
TOTAL	207	100,0

FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES

TABELA 7 - NÚMERO DE INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E BEBIDAS QUE TERCEIRIZAM PESQUISA E DESENVOLVIMENTO, SEGUNDO RAMO DE ATIVIDADE - PARANÁ - 1999

RAMO DE ATIVIDADE	INDÚSTRIAS	
	NÚMERO	%
Carnes e derivados	2	0,9
Leites e derivados	2	0,9
Massas e biscoitos	1	0,5
Bebidas alcoólicas	1	0,5
Bebidas não-alcoólicas	1	0,5
Moagem e indust. de milho e derivados	1	0,5
TOTAL	8	3,9

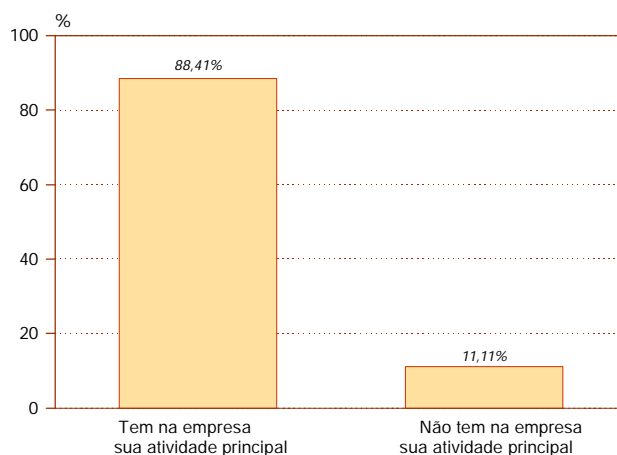
FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES

É possível argumentar, no caso de ramos agroindustriais como laticínios e carnes, sobre um subaproveitamento de instituições atuantes no próprio Estado voltadas à pesquisa, como a Coodetec e o Centro de Melhoramento Genético de Suínos devido ao caráter incipiente das mesmas. Para estes ramos (principalmente o de

carnes e menos grave no de laticínios), a baixa disseminação de laboratórios de análise qualitativa pode constituir uma deficiência capaz de impedir, respectivamente, melhor posicionamento diante de similares importados e oriundos de outros estados e maior penetração em mercados mais exigentes no comércio internacional.

Apesar dessas restrições, percebe-se um grau bastante satisfatório de comprometimento dos dirigentes com a gestão das empresas, tanto na dedicação exclusiva, com 88,4% tendo na empresa sua principal atividade profissional (gráfico 6), como no número de horas diárias (gráfico 7) despendidas às mesmas (73% dedicam entre 8 e 10 horas diárias e 16,9% mais de 10 horas).

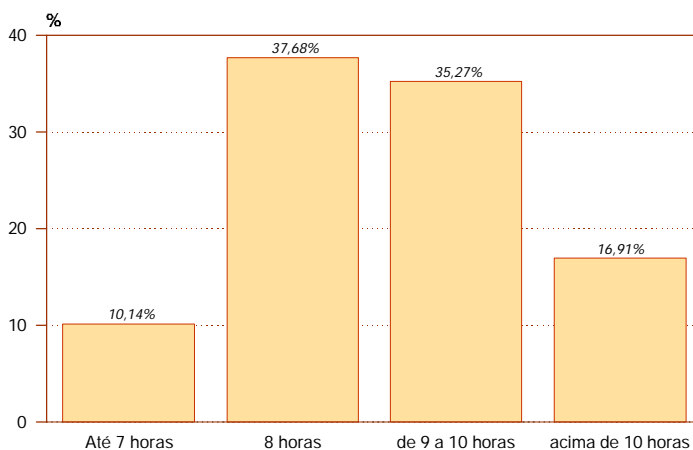
GRÁFICO 6 - DISTRIBUIÇÃO DOS DIRIGENTES DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E DE BEBIDAS, SEGUNDO DEDICAÇÃO À EMPRESA COMO ATIVIDADE PRINCIPAL - PARANÁ - 1999



FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES

NOTA: A soma da distribuição não totaliza 100% devido à exclusão de indústrias que não declararam a informação.

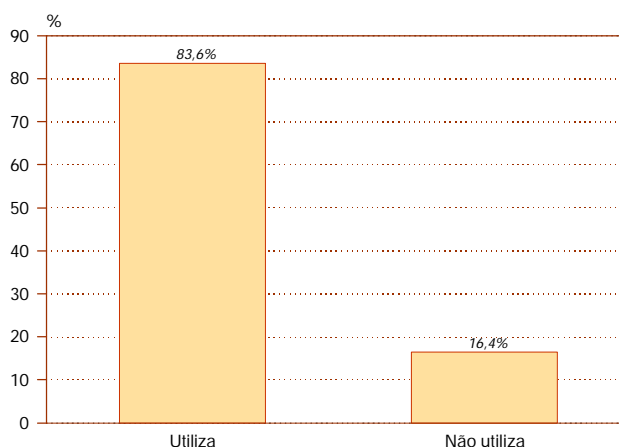
GRÁFICO 7 - DISTRIBUIÇÃO DOS DIRIGENTES DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E DE BEBIDAS, SEGUNDO NÚMERO DE HORAS DEDICADAS À EMPRESA - PARANÁ - 1999



FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES

Quanto à atualização com instrumentos contemporâneos de gestão é, até certo ponto, “tranquilizadora” a difusão do computador em mais de 80% das empresas (gráfico 8). São ao mesmo tempo significativas, em gama considerável das empresas, as indicações de que seu uso não se restringe à realização de tarefas singularmente burocráticas e sim integra rotinas mais complexas, tendo em vista o uso de mais de dez unidades do equipamento em mais de 40% dos estabelecimentos e coeficientes de utilização (microcomputador por funcionário) significativamente acima da média do setor em ramos diversos. Ainda assim, verifica-se o insuficiente aproveitamento de suas potencialidades mais imediatas, já que das 173 indústrias que utilizam computador 48,6% não mantêm conexão com a Internet e das 39 indústrias conectadas à Internet 64% não disponibilizam *home pages* (tabela 8).

GRÁFICO 8 - DISTRIBUIÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E DE BEBIDAS, SEGUNDO UTILIZAÇÃO DE MICROCOMPUTADORES - PARANÁ - 1999



FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES

TABELA 8 - DISTRIBUIÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E DE BEBIDAS, SEGUNDO MANUTENÇÃO DE CONEXÃO À INTERNET E DE HOME PAGE - PARANÁ - 1999

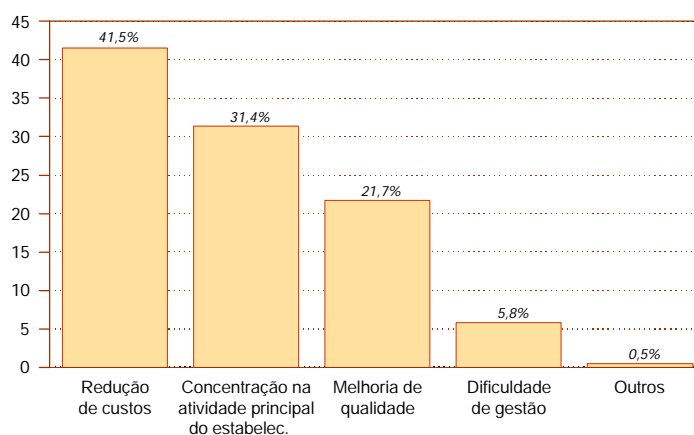
MANUTENÇÃO	INDÚSTRIAS			
	Internet		Home Page	
	Número	%	Número	%
Mantém	89	51,4	32	36,0
Não mantém	84	48,6	57	64,0
TOTAL	173	100,0	89	100,0

FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES

Cumprir lembrar, também, a efetiva preocupação da indústria em buscar a redução de custos e concentrar esforços na atividade principal via terceirização de

atividades “marginais”, concentradas nas áreas de serviços (gráfico 9). Ou seja, cerca de 66% das empresas terceirizam alguma atividade (gráfico 10), especialmente serviços gerais e de comercialização e distribuição (tabela 9).

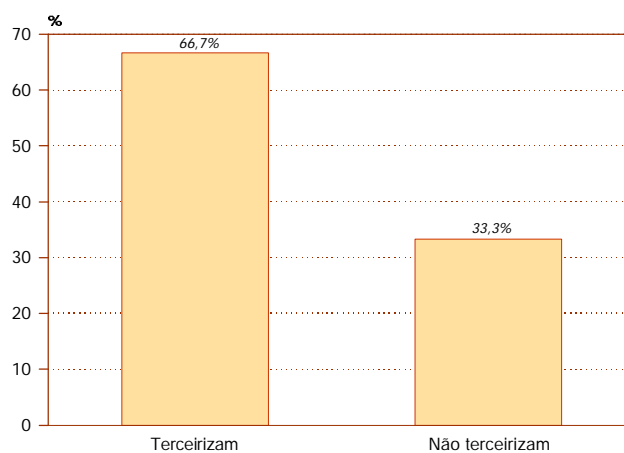
GRÁFICO 9 - DISTRIBUIÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E DE BEBIDAS, SEGUNDO PRINCIPAIS RAZÕES PARA A TERCEIRIZAÇÃO DE ATIVIDADES - PARANÁ - 1999



FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES

NOTA: A soma da distribuição não totaliza 100% devido à exclusão de "não declarado".

GRÁFICO 10 - DISTRIBUIÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E DE BEBIDAS, SEGUNDO TERCEIRIZAÇÃO DE ATIVIDADES - PARANÁ - 1999



FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES

Finalmente, há uma leitura positiva dos empresários sobre a importância do item "embalagem" na formação do padrão de qualidade da empresa. Em números, destacam-se parcelas nada desprezíveis de 40,6% das empresas que realizaram melhorias em embalagem em 1998 e 30% que mantêm sistemas de controle de qualidade sobre as embalagens (tabela 10).

TABELA 9 - DISTRIBUIÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E DE BEBIDAS, SEGUNDO ATIVIDADES TERCEIRIZADAS - PARANÁ - 1999

ATIVIDADES TERCEIRIZADAS	INDÚSTRIAS	
	Número	%
Serviços de apoio (conservação e limpeza, segurança patrimonial, transporte, etc.)	82	39,6
Comercialização/distribuição	54	26,1
Manutenção industrial	38	18,4
Serviços laboratoriais	29	14,0
Propaganda	29	14,0
Capacitação de recursos humanos	23	11,1
Pesquisa e Desenvolvimento (P&D)	8	3,9
Fabricação/produção	6	2,9
Gestão de produção	3	1,4
Atendimento ao consumidor	0	0,0
Outros	28	13,5
Não-resposta	69	33,3

FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES

TABELA 10 - PERCENTUAL DE INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E DE BEBIDAS, SEGUNDO ESTRATÉGIAS VOLTADAS À QUALIDADE EM EMBALAGENS - PARANÁ - 1998

ATIVIDADES TERCEIRIZADAS	INDÚSTRIAS %
Investimento em melhoria da embalagem	40,6
Manutenção de controle de qualidade em embalagens	30,0

FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES

Tudo isso contribui para que o perfil de atuação da indústria alimentar e de bebidas do Paraná circunscreva-se, em grande medida, aos mercados local e regional (cerca de 63,8% das vendas) e alcance timidamente o mercado internacional (tabela 11). Já, quando considerados os grupos industriais, revelam-se, ainda que sem diferenças drásticas, maiores níveis de competitividade nos ramos agroindustriais, cujas vendas médias aos mercados nacional (35,01%) e internacional (6,66%) se estabelecem acima da média de toda a indústria. Por sua vez, níveis inferiores à média de vendas são registrados nesses mesmos mercados (28,17% e 3,29%, respectivamente) nos ramos de massas, biscoitos, doces, etc., que integram etapas de processamento mais complexas.

Desse modo, tais resultados sugerem a ampliação de esforços no desenvolvimento de produtos e a adequação gerencial em toda a indústria de alimentos, principalmente nos últimos ramos citados.

TABELA 11 - PARTICIPAÇÃO MÉDIA DAS VENDAS DOS TRÊS PRINCIPAIS PRODUTOS DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E DE BEBIDAS NO FATURAMENTO, SEGUNDO O MERCADO E A INDÚSTRIA - PARANÁ - 1999

INDÚSTRIA	MERCADO				TOTAL
	Local ⁽¹⁾	Regional	Nacional	Internacional	
Global ⁽²⁾	28,06	35,73	31,66	4,55	100,00
Agroindústria ⁽³⁾	20,05	38,28	35,01	6,66	100,00
Alimentar ⁽⁴⁾	24,30	44,24	28,17	3,29	100,00

FONTES: Pesquisa de Campo - IPARDES

(1) Vendas restritas ao município onde estão instaladas as empresas.

(2) Estão incluídos todos os ramos de atividade da agroindústria e da indústria alimentar.

(3) Estão incluídos os ramos de carnes e derivados, leite e derivados, moagem de trigo, moagem e industrialização de milho e derivados, torrefação de café, óleos e gorduras vegetais.

(4) Estão incluídos os ramos de massas e biscoitos, bebidas alcoólicas e bebidas não-alcoólicas, conservas e sucos, balas e bombons e outros.

ANEXO

IPARDES

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL

Rua Mal. Hermes, 999 - Centro Cívico
CEP 80531-970 CP 15011 Curitiba-PR
Fone: (41) 254-8311 Fax: (41) 254-4240
<http://www.ipardes.gov.br> ipardes@ipardes.gov.br

SENAI

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL

Av. Cândido de Abreu, 200 - 2º andar
CEP 80530-902 Curitiba-PR
Fone: (41) 350-7000 Fax: (41) 350-7101
<http://www.pr.senai.br> senaidr@ctb.pr.senai.br